

## SUOR E SANGUE: A VIDA OPERÁRIA E O ANARQUISMO NOS CONTOS DE SANTOS BARBOSA

Cássia Ferreira Miranda<sup>1</sup>

### Resumo:

O presente artigo elabora uma análise de quatro contos de autoria do operário anarquista Santos Barbosa, publicados no jornal pelotense *O Rebate*, na coluna *Contos Rebeldes: Maio!...*; *A Recompensa*; *Por uma madrugada* e *A Volta...*. Publicados em 1915, em plena Primeira Guerra Mundial, esses textos retratam a forma como o autor via a situação vivenciada por ele e seus pares, mostrando os sofrimentos aos quais estavam submetidos, os horrores da guerra, as péssimas condições de habitação e trabalho, a ganância dos dirigentes que enviam jovens para o front de batalha, desestruturando famílias operárias, condenando jovens à morte, deixando mulheres viúvas e mães e pais desamparados. O conto, tal como outras narrativas literárias similares, é elaborado a partir de alguns elementos básicos, tais como: o narrador, a descrição, a ação, os diálogos, as transições, o enredo, e, orquestrando todos eles, a trama. Caracterizando-se como um episódio breve, essa estrutura narrativa foi muito utilizada pelos operários libertários que viam no conto uma possibilidade de atrair seus companheiros para a militância anarquista. Para a realização desta análise serão utilizadas bibliografias referentes àquele momento histórico, à movimentação operária e à forma literária trabalhada por Santos Barbosa.

A constituição do operariado no Brasil se deu com o fim da escravidão e o início do processo de industrialização no país, em um período de grandes transformações na estrutura da sociedade. Para os imigrantes que se aventuraram na travessia do Oceano Atlântico em busca de prosperidade, o cenário que os acolheu não foi nada parecido com o esperado. Leonardi (1991) salienta que a moradia e a alimentação eram paupérrimas; não havia iluminação nem qualquer tipo de saneamento nos bairros destinados aos operários; isto citando apenas alguns fatores que tornavam os padrões de vida operária abaixo dos necessários para uma existência digna.

No ambiente de trabalho e nas relações trabalhistas a situação não poderia ser pior. A pesquisadora Célia Paoli, em seu trabalho denominado *Os trabalhadores urbanos na fala dos outros*, aborda as péssimas condições vivenciadas pelos operários:

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutoranda em Teatro. Bolsista CAPES. E-mail: miranda\_cassia@yahoo.com.br.



Coisas como as extensas jornadas de trabalho, as reduções salariais por falhas de produção, a expropriação do trabalho já pago na forma de multas e punições por atrasos, a violência no controle fabril, a arbitrariedade dos chefes, a intensificação do ritmo de trabalho, a insalubridade dos espaços de trabalho, a sujeira, ruído e a precariedade da segurança no processo de trabalho, a manipulação dos estigmas de sexo, cor, origem étnica e idade, o tempo vigiado [...] (Paoli, 19\_ \_, p. 61).

Na busca por uma “unidade” que lhes desse força para lutar contra essas condições, uma parcela dos trabalhadores iniciou um processo organizativo a fim de enfrentar as precárias condições de vida e de trabalho às quais estavam submetidos. Foram criadas *associações mutualistas* ou de *socorro mútuo*<sup>2</sup>, uniões e ligas que tinham como objetivo principal a resistência ao patronato.

Santos Barbosa foi pintor e militante anarquista, se envolveu ativamente com o movimento operário em Rio de Janeiro-RJ e em Pelotas-RS. No Rio de Janeiro, em 1913, participou da criação do Grupo Dramático Cultura Social. O seu envolvimento com o teatro anarquista vai ser relevante na sua atuação junto aos anarquistas de Pelotas, onde vai contribuir, “principalmente para seu desenvolvimento cultural, através da educação, teatro e educação musical” (Loner, 1998, p. 1). Em Pelotas, segundo Loner (1998), ele atuou como secretário geral da Federação Operária Pelotense, participou da criação do Grupo Teatral Cultura Social (1914), lecionou no Atheneu Sindicalista Pelotense, foi professor de música e teatro, atuando e produzindo peças teatrais. Além dessas atividades, também se dedicou à literatura escrevendo contos, diálogos e crônicas se empenhando na instrução e no engajamento de seus companheiros.

### **Os contos de Santos Barbosa**

Publicados nos anos de 1914 e 1915, em plena Primeira Guerra Mundial, os contos mostram os sofrimentos que a guerra traz para a humanidade, refletindo a preocupação de Santos Barbosa com a violência desenfreada e sem propósito. Nesse mesmo contexto, denunciam a manipulação dos dirigentes que, por ganância, enviam jovens para o front de

---

<sup>2</sup> Segundo Sílvia Petersen (2001), as associações mutualistas surgiram a partir da necessidade dos trabalhadores de construírem mecanismos de proteção e desenvolverem laços de solidariedade. Sendo assim, os operários encontravam nessas organizações a possibilidade de se proteger, embora parcialmente, da sociedade capitalista em formação, na qual havia uma instabilidade com relação aos direitos do trabalhador: “Com estas sociedades, o sócio (trabalhador assalariado, artesão e, às vezes, também pequeno proprietário) assegurava seu futuro contribuindo com uma quota que, em caso de infortúnio, dava lugar ao benefício de um subsídio e auxílios diversos e onde não era desprezível a segurança de receber um enterro digno” (Petersen, 2001, p. 35).



batalha, desestruturando famílias operárias, condenando jovens à morte, deixando mulheres viúvas, e mães e pais desamparados.

Os quatro contos aqui analisados foram publicados no jornal pelotense *O Rebate*<sup>3</sup>, durante o ano de 1915, na coluna intitulada *Contos Rebeldes*. O espaço destinado à publicação dos textos desta seção do jornal era de duas colunas em uma das páginas<sup>4</sup>. *Maió!...*<sup>5</sup> foi publicado dia 17 de maio de 1915. O conto *A Recompensa* foi publicado na edição de 22 de julho de 1915. *Por uma madrugada*<sup>6</sup>, foi publicado no dia 06 de agosto de 1915 e dedicado por Santos Barbosa a Frediano Trebbi, redator do jornal *O Rebate*. O último conto analisado tem como título *A Volta...*, sendo publicado no dia 04 de junho de 1915.

Antes de seguir para a análise textual, é pertinente apresentar, em linhas gerais, qual a definição da forma literária conto que servirá de parâmetro comparativo com o estilo de conto desenvolvido por Santos Barbosa ao dialogar com seu público leitor. Para tal, destaco o conceito atribuído por João Décio: “Uma forma dramática reduzida no tempo e no espaço, para configurar um acidente, ou um incidente, enfim um acontecimento na vida de uma personagem. [...] Tudo deve convergir para a elaboração de um problema, limitado no tempo e no espaço” (1976-77, p. 46).

O conto, tal como outras narrativas literárias similares, é elaborado a partir de alguns elementos básicos, tais como: o narrador, a descrição, a ação, os diálogos, as transições, o enredo, e funcionando como maestrina de todos eles, a trama. Neste sentido, o conto se destaca como sendo um episódio breve, tratando de uma única ação de maneira concisa, conforme frisa Newton Cunha:

Do ponto de vista de sua composição, os recursos narrativos, como os diálogos, as descrições e as dissertações, recebem um tratamento sumário e concentrado. Daí dizer-se que o conto é univalente, ou seja, dedica-se a um só conflito, a uma ação determinada, envolvendo poucos personagens, tratados necessariamente de maneira plana (2003, p. 183).

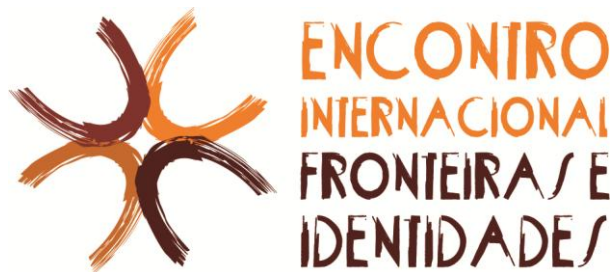
---

<sup>3</sup> Disponível para pesquisa no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.

<sup>4</sup> O jornal *O Rebate* tem suas páginas, de tamanho próximo ao formato A2 (42,0 cm x 59,4 cm), divididas, via de regra, em sete (7) colunas estreitas.

<sup>5</sup> Foi publicado uma segunda vez no jornal pelotense *A Luta*, no dia 15 de julho de 1916. No entanto, nesta segunda oportunidade Santos Barbosa trocou o título do conto por *Armando*.

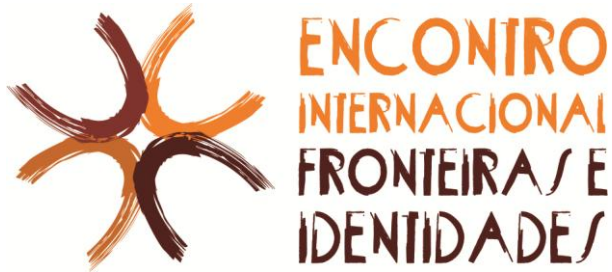
<sup>6</sup> Uma versão idêntica deste conto foi publicada no jornal carioca *A Voz do Trabalhador*, de 1º de maio de 1914, também assinada por Santos Barbosa. Disponível para pesquisa no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense.



A natureza compacta do conto vem ao encontro da necessidade de um público leitor que não dispõe de muito tempo para leitura. Os trabalhadores do início do século XX estavam vivendo um período no qual a jornada de trabalho era intensa, chegando, em algumas fábricas, a quinze horas por dia (Hardman e Leonardi, 1991). Como era escasso o tempo destinado ao lazer e à instrução, os contos proporcionavam o acesso à literatura em um curto espaço de tempo. O oferecimento de uma leitura rápida e simples aos operários cansados do longo dia de trabalho foi a maneira encontrada por Santos Barbosa para que os trabalhadores tivessem acesso à cultura literária. Os contos publicados serviam, assim, como um excelente meio de entretenimento e propagação dos ideais anarquistas entre os operários leitores.

Outro fator que justifica a utilização dessa forma sucinta de escrita era o local em que os contos viriam a ser publicados: nos jornais operários. Sendo um precioso veículo de comunicação entre os trabalhadores, o jornal servia para instruir, mas, principalmente para mobilizar a militância em eventos, divulgando as atividades e estimulando o engajamento. Sendo financiado pelos próprios operários, pouco era o espaço disponível nas limitadas páginas e deveria ser objetivamente utilizado. Neste sentido, se destaca a falta de recursos para a publicação dos periódicos libertários. As limitações financeiras eram cruciais para determinar o bom aproveitamento dos espaços nas páginas destes jornais. Segundo Rodrigues (1996, p. 12), estes jornais eram “publicados com o suor dos trabalhadores e quase sempre com recursos retirados dos miseráveis salários destinados a sustentar seus filhos – e muitas vezes custaram-lhes perseguições e prisões”. Neste sentido, devido às dificuldades que enfrentava a imprensa operária, a publicação dos contos reflete a importância que os operários davam à literatura engajada, reservando um espaço para ela em suas publicações.

Apresento a seguir o enredo de cinco contos escritos por Santos Barbosa, organizados na ordem de sua publicação. O conto *Maio!...* apresenta um enredo mais detalhado, oferecendo maiores descrições e narrações dos estados emotivos da personagem central da história. Armando viaja do Rio de Janeiro (RJ) para Paranaguá (PR), no barco da Navegação Costeira denominado de Itaperuna, embarcado na terceira classe junto com outros trabalhadores e pessoas de baixa renda. O anoitecer, de maio de 1915, está gélido e o mar muito revolto, tal qual o estado emocional desse passageiro/trabalhador magro e pobre. Um som marcava as 18 horas. Armando segurando-se no “corrimão gorduroso do navio” vai buscar ar livre para escapar do ar fétido do porão. Ele dorme sob lonas ao ar livre. Não

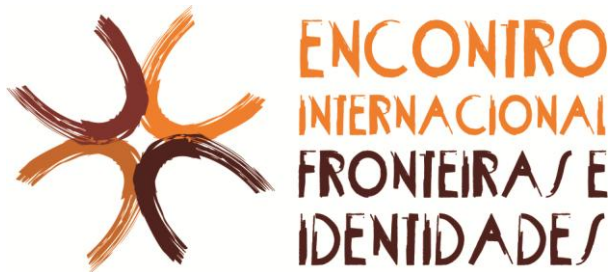


consegue jantar e nem mais comer, pois a comida da terceira classe lhe causava enjoos. Restava-lhe apenas, nessa longa e miserável travessia, refletir sobre a exploração a que estavam submetidos os trabalhadores. A revolta o domina. E ela atinge seu clímax quando ele fita, quase hipnotizado, uma placa que discriminadamente informa aos que tentassem adentrar no corredor direito: “É proibida a passagem para a ré, aos passageiros da 3ª classe”. Seus olhos castanho-claro emanam “asco e indignação”. Este conto está envolto em processo descritivo/narrativo. Quase nada ocorre no conto, a personagem não age. Temos a descrição de seu estado emocional, físico e suas ações através da fala do narrador. Em contrapartida, o próximo conto, embora com muitas descrições, esbanja diferentes espacialidades de ação.

No conto *A Recompensa* Santos Barbosa rompe a unicidade espacial e transcreve a ação em três espaços diferentes. Num quarto fétido inicia-se o conto. Uma jovem loura tecelã, moribunda devido a tuberculose, deitada numa esteira e tendo por travesseiro uns trapos empoeirados, tenta acalmar seu menininho que tem fome e pede pão. Ela lhe diz que o pai saiu para tentar conseguir pão para eles. As forças lhe somem do doente corpo. O marido da enferma tinha ido, num ato desesperado, até a casa do deputado para quem ele trabalhou no processo eleitoral. Mas, não pode passar do portão do jardim. Uma copeira o dispensou dizendo que o deputado não estava em casa. O operário, num gesto de revolta, percebe que foi ludibriado pelo processo eleitoral. Meditativo e vagaroso vai embora. Desesperado, furta um pedaço de queijo num estabelecimento, come um pedaço, mas tem que fugir pois é perseguido por uma multidão pelo *Boulevard* de S. Cristovão. O maltrapilho, frágil e também tuberculoso operário cai e na queda deixa no chão o seu furto e a sua fome. A multidão escarnece e humilha o doente operário. Chega um policial que com a ponta do sapato maltrata mais ainda o corpo caído no asfalto, sem mais condições de reagir, a não ser chorar, ante a dor e a degradação humana. Um jovem reage ante esta violência e ataca o policial. O doente operário morre nessa confusão. Um amigo, também desempregado, vai levar a trágica notícia para a esposa do operário. E a cena que vê: ela, vencida pelo bacilo de Koch, o menino, asfixiado de encontro ao peito de sua mãe, o faz retroceder apavorado.

O próximo conto, *Por uma madrugada*, também mergulha o leitor em processos descritos/narrativos mais fortes do que uma ação da personagem central. O enredo inicia-se com um grupo de trabalhadores, entre os quais alguns desempregados, vindos de uma festa de propaganda do Centro Galego promovida pelo Sindicato dos Sapateiros, caminhando as





quatro horas da madrugada pelo passeio público do Rio de Janeiro, tendo ao fundo a majestosa Baía da Guanabara, e parando no cais de porto. O narrador do conto tinha tomado parte num dos espetáculos da noitada. O grupo e outros curiosos que passeiam pela noite chegam perto de uma lancha da polícia que informa que um “homem trajando miseravelmente, havia se atirado ao mar e desaparecido”. Todos divagam sobre o acontecido e suas possíveis causas. Era mais um miserável, desempregado e desesperado trabalhador, eis a conclusão mais contundente. A lancha vai embora, desiste da busca pelo corpo perdido. Um garoto, miserável, maltrapilho e com voz rouca de tuberculoso, dormia envolto em “uma velha e imunda toalha”, na fedorenta rampa do cais do porto. Amanhece e todos retornam para o centro da cidade, refletindo sobre a miséria e falta de perspectiva em suas vidas.

O conto *A Volta...* aborda a problemática da Primeira Grande Guerra Mundial. Lourival, um jovem que retorna da guerra, é recebido como um herói por populares que estavam a sua espera, na pobre e velha casa de sua tia Rita. O rapaz é ovacionado, todos querem ter contato com ele. Ele discursa, agradece e reforça que, embora emocionado, espera que os presentes nunca sejam aplaudidos por tal feito. Lourival aponta os aspectos cruéis da guerra e se posiciona totalmente contra ela e contra aqueles que se tornam soldados, denominados por ele de “profissionais da morte”. O rapaz defende e exalta a anarquia, grita e conclama o povo a gritar com ele. Entre os gritos de “viva!” a anarquia, Lourival, que estava sobre um caixote, um pouco acima da população que o cercava, é alvo de um tiro, e após ser alvejado “caiu desamparadamente sobre as pessoas que o rodeavam”.

Em virtude da estrutura unificada do conto, não há a possibilidade da presença de grande número de personagens, exceto nos casos em que elas ambientem o cenário e não exercem nenhuma ação direta. Além disso, por essa estrutura literária representar um “recorte” na trajetória de uma personagem, não é possível percebê-la em suas complexidades ideológicas e psicológicas. Uma característica muito presente na obra de Santos Barbosa é a de representar nos contos personagens marginalizados socialmente. Suas personagens refletem o contexto em que viviam. Nesse sentido, esse autor converge com a característica moderna destacada por Müller, na qual a personagem se mostra

muito mais ligada à realidade social, à ação; reagem, muitas vezes instintivamente, à condição de degradação que lhes é imposta. Essas características dessas personagens



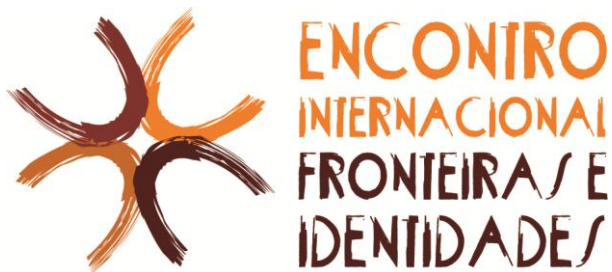
[modernas] são exemplos específicos da realidade social, na qual, na maioria das vezes, as únicas opções são a violência ou a inércia (2011, p. 3).

Há a construção de personagens mais voltadas para o lado psicológico, embora não aprofundadas devido às limitações da narrativa breve que é estabelecida no conto. Um aspecto frequente da literatura libertária anarquista é a representação maniqueísta dos personagens presentes ou relacionados à ação principal da narrativa. Logo, nos contos de Santos Barbosa, o vilão está sempre representado pelo sistema capitalista e seus seguidores. Assim, a grande personagem ausente e responsável pela vida sofrida e miserável da população trabalhadora é a detentora da riqueza, a burguesia.

Com relação ao universo temático dos contos, os temas que o autor elege como relevantes para debater através de sua escrita, estão estreitamente relacionados com os problemas vivenciados pelos trabalhadores. Uma temática abordada nos contos intimamente relacionada à falta de oportunidades que tinham os trabalhadores era a fome, causada pela falta de emprego e pelos baixos salários pagos pela burguesia que explorava a mão de obra operária. Em *A Recompensa*, a fome destrói uma família inteira. Mãe, pai e filho morrem desassistidos pela sociedade e pelo governo. Novamente se apresenta a necessidade de políticas que lhes proporcionasse uma vida melhor. Neste caso, nem se manter vivos eles conseguiram. Reincide a temática da fome quando Armando não consegue comer, por causa dos enjoos sofridos em decorrência do balançar da embarcação, aliado ao péssimo odor vindo do porão do navio e a péssima qualidade da comida oferecida à terceira classe da embarcação na qual viajava, no conto *Maio!....*

O total descaso e a falta de perspectiva que vivem os homens desempregados, marginalizados, traz em *Por uma madrugada*, mais uma temática: o suicídio, que se apresenta como a única saída para se livrar de uma sociedade doente. Essa mesma sociedade doente, que deixa seus homens e mulheres desempregados, excluídos, entregues à própria sorte, é a que manda jovens rapazes para guerras sem propósitos, que tem como desculpa para a ganância dos governantes a defesa da pátria. No conto *A Volta...* Lourival descreve os horrores a que são submetidos aqueles que são enviados para a guerra:

No campo de batalha, pisando e queimando cadáveres de irmãos, cego de sangue e de morte; desvairado ao lúgubre som do clarim e do rufar dos tambores e as fúnebres vozes



de comando; em face das emboscadas e ataques horríveis e rios de sangue que corre ou coagula pelos campos, montes ou colinas; fuzilando, decapitando, esquartejando, trucidando seres iguais, e tudo isso em nome dessa coisa que chamam - pátria! Do egoísmo dos poderosos e dos capitalistas; praticando tão cruéis barbaridades, o soldado mais justifica a perda dos sentimentos de homem que a caserna lhe rouba, gargalhando miseravelmente.

A responsabilidade sobre a guerra, que era muito combatida pelos anarquistas, conforme já exposto, em outros momentos, caía sobre os governantes que a promoviam, mas não arriscavam sua vida por ela. Conforme é ressaltado no conto *A Volta...* era o povo, que nenhum interesse tinha por ela, que ia para as trincheiras. Em *Maio!*... também há uma crítica aos parlamentares, juízes, ministros e chefes de Estado que, juntamente com os banqueiros e os religiosos, promoviam a degradação da sociedade, seu sofrimento e desespero. Em *A Recompensa* o deputado, após eleito, nem sequer aceita falar com seus eleitores que precisam de ajuda. Além dele, há a presença de um oficial que deveria garantir a segurança da população, o guarda civil, que aparece e, ao invés de ajudar o pai de família moribundo, tocava o homem com a ponta dos pés, ameaçando esbordoá-lo. No conto *Por uma madrugada*, a guarda costeira pouco se importava em procurar o corpo do pobre suicida, vítima da miséria.

Assim, nos contos de Santos Barbosa ocorre uma constante denúncia e crítica ao arbítrio daqueles que deveriam se dedicar a melhorias sociais. Todas essas diferentes abordagens dos detentores do poder, nos contos de Santos Barbosa, vêm para reforçar uma temática muito defendida pelos anarquistas: o poder nunca é algo positivo, a sociedade não deve se organizar verticalmente. O anarquista Bakunin quando discorre a respeito da sociedade afirma que sua constituição:

Não [deveria ser] de cima para baixo e segundo algum plano ideal sonhado por alguns sábios eruditos, e menos ainda por decretos emanados de algum poder ditatorial, e menos ainda por uma assembleia nacional eleita por sufrágio universal. Como já demonstrei, um tal sistema levaria inevitavelmente à criação de um novo estado e, conseqüentemente, à formação de uma aristocracia oficial, isto é, uma classe de indivíduos que não teriam nada em comum com o povo e que começariam imediatamente a explorar e subjugar esse povo em nome do bem estar geral ou para salvar o Estado (1986, p. 76).

No conto *Maio!*..., Armando cita as religiões como parte da “gente inútil” que promove as injustiças sociais. Em *A Recompensa*, o pobre homem, à beira da morte implora





iedade “pelo amor de deus”. O apelo ao amor a deus, não foi o suficiente para comover a multidão selvagem sedenta por “vingança”. O jovem Lourival também cita deus, em seu discurso, no conto *A Volta... Grita*, em meio aos que o assistem, que abomina, juntamente com a noção de pátria, a crença em um deus. Embora não se aprofunde neste tema, o autor-operário cita em seus contos a religião e a figura de deus, sempre pejorativamente, como era costume dos anarquistas.

Por fim, há a presença do ideal de revolução anarquista. Os anarquistas defendiam a necessidade de uma reestruturação social. Nas palavras do anarquista Woodcock:

Uma revolução moral, mais do que uma revolução política. Uma revolução política luta contra o estado e a propriedade de fora, uma revolução social trabalha dentro da sociedade má e vai minando suas bases [...] através da razão e, basicamente, através da persuasão e do exemplo (1983, p. 206).

Em *Maió!...* a revolução aparece nas reflexões de Armando, quando, ao olhar para o sol, exclama: “Sol de Maio! Alviçareiro sol! Sol dos que trabalham! – que as chamas flamejantes que do teu seio crepitam, sejam a luz do alvar do triunfo dos oprimidos na revolução de amanhã!”. A temática da revolução se apresenta no calor do sol que incendiará a sociedade, nos ideais libertários que se propagarão, abrindo espaço para a ascensão anarquista, quando a liberdade enfim triunfará.

Santos Barbosa produziu uma literatura bastante representativa. Com relação à narrativa em seus contos, Santos Barbosa alterna o uso da terceira pessoa do singular - característica, apontada por Décio (1976-77) como frequente nos contos - e a primeira pessoa do singular e do plural. Esta última, a utilização da primeira pessoa, está exemplificada no conto *Por uma madrugada*. Quem constrói a narrativa é um dos operários que havia se apresentado em uma das peças no Centro Galego, na mesma noite em que presenciou a procura pelo suicida. Ele descreve seu cansaço e suas ações, alternando harmoniosamente a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural quando se refere a ele e seus companheiros.

Já na abordagem dos temas, Santos Barbosa fornece a seu leitor algumas possibilidades interessantes de analogias. A escrita dos contos de Santos Barbosa se destaca pela constante representação das dificuldades enfrentadas pela classe operária. Nos contos, é possível perceber que mesmo lutando com todas as suas forças o operariado não consegue



vencer. Para tal, há somente uma única alternativa: a revolução social. Somente através da abolição dos governos hierárquicos, da opressão religiosa, da exploração de uns sobre os outros é que os “pobres” e os “ricos”, poderão compartilhar uma sociedade justa e fraterna em que todos são iguais e tem direito às mesmas condições.

Os contos de Santos Barbosa tiveram grande importância e alcance entre os operários. Este fato pode ser deduzido pela reincidência das publicações nos periódicos operários que, conforme já discutido, tinham um espaço restringido pelas limitações financeiras. Assim, a dedicação de um espaço de duas colunas, no caso do jornal pelotense *O Rebate*, demonstra que os contos eram vistos como um instrumento pela militância operária da cidade. Sendo assim, a literatura, representada na imprensa, estava na linha de frente na atuação operária anarquista visando a propagação do ideal libertário.

### **Referências Bibliográficas**

BAKUNIN, Michael. A Igreja e o Estado. In: WOODCOCK, George (org.). **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1986. 4ª ed. p. 75-80.

CUNHA, Newton. **Dicionário Sesc: a linguagem da cultura**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2003.

DÉCIO, João. A forma conto e a sua importância. In: **Alfa Revista de Linguística**. 1976/77. v. 22/23. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3585/3354>. Acesso em: 02 set. 2013.

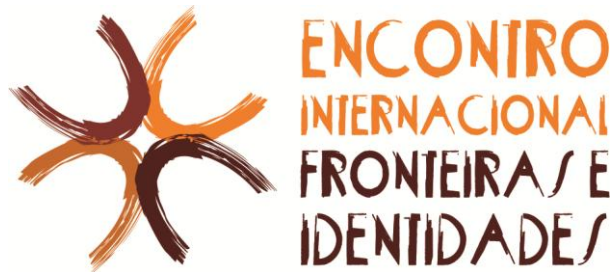
HARDMAN, Foot. LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil** (das origens aos anos 20). São Paulo: Ática, 1991. 2. ed.

LEONARDI, Victor. Origens do proletariado no Brasil. IN: MARANHÃO, Ricardo. MENDES Jr. Antonio (org.). **Brasil História** – texto e consulta. Vol. 3 República Velha. SP: Ed. Hucitec, 1991. 5ª edição. P. 216-226.

LONER, Beatriz Ana. Instrumento de trabalho: 3º CONGRESSO OPERÁRIO BRASILEIRO – Relato de Santos Barboza. In: **História em Revista**. NDH/UFPel. Pelotas. Dezembro/1998. v.4. p. 1-23. Disponível em:

<[http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/Instrumento\\_de\\_Trabalho\\_Volume\\_04.pdf](http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/Instrumento_de_Trabalho_Volume_04.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2014.

MÜLLER, Natália Galdino. A importância da narrativa na estruturação temática do conto. In: **Darandina Revisteletrônica**. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura V: Literatura e Política. PPG Letras Estudos Literários: Faculdade de Letras da Universidade



Federal de Juiz de Fora, 2011. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/darandina/>>. Acesso em: 02 set. 2013.

PAOLI, Maria Célia. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. In: LOPES, José Sérgio Leite. **Cultura & Identidade Operária**: aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero, [19\_ \_].

PETERSEN, Silvia. “**Que a união operária seja a nossa pátria!**”: História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

RODRIGUES, Edgar. **Pequena História da imprensa social no Brasil**. Rio de Janeiro. 1996. In. Gens Serviços Educacionais. Disponível em:

<[http://www.portalgens.com.br/comcom/pequena\\_historia\\_da\\_historia\\_da\\_imprensa\\_social\\_no\\_brasil.pdf](http://www.portalgens.com.br/comcom/pequena_historia_da_historia_da_imprensa_social_no_brasil.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2012.

WOODCOCK, George. **Anarquismo**: Uma história das ideias e movimentos libertários. Porto Alegre: LP&M, 1983.